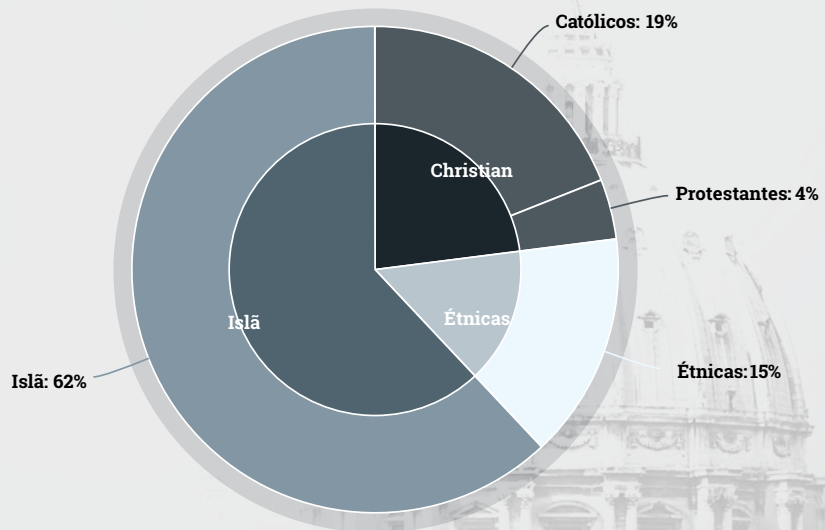
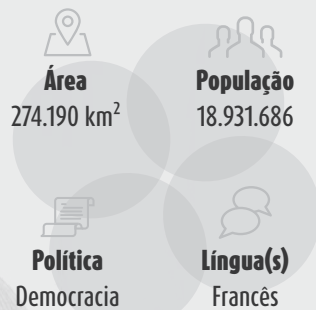


Burkina Faso



Até ao momento, o Burkina Faso testemunhou poucos incidentes de violência islâmica, mas, durante o período deste relatório, foi alvo de ataques de jihadistas. Em 16 de janeiro de 2016, trinta pessoas foram mortas num ataque terrorista islâmico a um restaurante e a um hotel na capital, Ouagadougou. Durante várias horas, os terroristas ficaram encurralados no Splendid Hotel com vários reféns, até que finalmente as forças de segurança locais e as tropas francesas conseguiram entrar no edifício.^[1] A organização terrorista Al Qaeda do Magrebe Islâmico (AQIM) reivindicou a responsabilidade pelo ataque.^[2] Há muitas indicações de que os terroristas pretendiam deliberadamente fazer uma demonstração de força num país reconhecido e respeitado mundialmente pelo nível de coexistência pacífica entre as suas várias comunidades étnicas e religiosas.

Ainda não se sabe se estes grupos islâmicos violentos vão conquistar uma posição permanente no Burkina Faso. Como país cujas leis não concedem privilégios especiais a nenhuma religião, o Burkina Faso é um estado secular cuja Constituição reconhece o direito à liberdade religiosa.^[3] Tal como muitos outros países na região, o Burkina Faso é caracterizado por um amplo pluralismo religioso, embora o Islamismo seja claramente dominante.

Tradicionalmente, as várias comunidades religiosas mantiveram boas relações umas com as outras. Os grupos religiosos, tal como todas as outras organizações, são obrigados a registrar-se junto do Estado. Os que não se registam podem ser multados. Todas as organizações são tratadas em pé de igualdade. Muçulmanos, Católicos e Protestantes gerem escolas primárias e secundárias. As escolas são livres de planear o seu próprio recrutamento de pessoal, embora as autoridades devam ser informadas sobre a nomeação dos diretores de escola.

O anterior Governo do Burkina Faso durante a presidência de Compaoré (que renunciou ao cargo em outubro de 2014) disponibilizava um subsídio anual equivalente a aproximadamente 125.515€ a cada uma das comunidades muçulmana, católica e protestante.^[4] Além disso, disponibilizava apoio a vários programas e projetos de promoção do bem comum ou considerados como sendo de interesse nacional, por exemplo, na área da educação. Em 2014, foram também dadas participações financeiras a cerca de 5.500 muçulmanos que realizaram a peregrinação anual do Haj a Meca.

Ao longo dos últimos dois anos, a vida política e social do Burkina Faso tem sido marcada por um elevado grau de instabilidade política, que aumentou no final de 2014 e levou à queda do presidente Blaise Compaoré, que tinha governado o país nos últimos vinte e sete anos. O presidente Compaoré chegou ao poder em 1987, na sequência de um golpe de estado sangrento, e manteve o controle político através de um sistema que, embora formalmente democratizado em 1991,

[1] dpa, AFP, AP

[2] <http://www.dw.com/de/burkina-faso-hoffen-auf-sicherheit-nach-dem-terror/a-18988042>

[3] Departamento de Estado Norte-Americano 2016: International Religious Freedom Report for 2014

[4] *ibid.*

na prática era repressivo. Compaoré foi forçado a renunciar em 31 de outubro de 2014, após protestos em massa.^[5] Desde então, o Governo de transição prometeu reformas nas áreas política, econômica e institucional. Contudo, não propôs qualquer mudança em relação à liberdade religiosa.^[6]

A nova democracia ficou logo em dificuldade. Em 16 de setembro de 2015, um mês antes das novas eleições previstas, membros da guarda presidencial liderados por Gilbert Diendéré, o antigo chefe de gabinete de Compaoré, invadiram o edifício do Parlamento e detiveram o presidente de transição Michel Kafando, o primeiro-ministro Isaac Zida e quase todo o Governo. Na altura, o Parlamento estava precisamente discutindo a dissolução desta guarda presidencial com 1.300 homens, amplamente considerada responsável por muitas violações de direitos humanos sob o regime de Compaoré. Os protestos contra este golpe foram violentamente reprimidos, com pelo menos dez pessoas mortas e centenas de feridos. Contudo, dois dias mais tarde, em 18 de setembro de 2015, Kafando e o seu Governo foram novamente libertados, sob pressão internacional, e reintegrados em 23 de setembro. Após o golpe de Estado e depois de procurar refúgio na Nunciatura Apostólica em Ouagadougou, Gilbert Diendéré foi levado sob custódia pelo Governo em 1 de outubro de 2015.^[7]

O Burkina Faso partilha fronteiras com seis países: Mali, Níger, Gana, Costa do Marfim, Benim e Togo. Daí que haja um perigo sério das crises e a instabilidade política no país poderem alastrar-se e afetar toda a região. Além disso, grupos jihadistas violentos estão cada vez mais operando ao longo das fronteiras internacionais na África Ocidental. Entre estes grupos está o Boko Haram, que atua sobretudo na Nigéria, mas que também realiza ataques no Níger e nos Camarões. Existe igualmente uma ameaça vinda do norte, pois o grupo terrorista autodenominado Estado Islâmico (EI) estabeleceu uma base permanente na Líbia. A oeste, o Mali também enfrenta uma crise, com grupos terroristas islâmicos atuando no país. Daí que o jihadismo islâmico represente uma ameaça iminente vinda de todos os lados deste pequeno país.

A Igreja Católica no Burkina Faso tem feito uma longa campanha pela paz e pela reconciliação. Assim, após a renúncia do presidente Compaoré, o Cardeal Philippe Ouédraogo, Arcebispo de Ouagadougou, apelou a que as pessoas confrontassem a crise política no Burkina Faso.^[8] O cardeal disse: "Todos os cidadãos do país são responsáveis pelo seu futuro nesta situação." Ao mesmo tempo, anunciou uma novena de oração pela reconciliação, justiça e paz no Burkina Faso. Perante isto, e a convite da comunidade internacional de Santo Egídio, grupos cristãos, muçulmanos e animistas no

Burkina Faso rezaram juntos por uma transição pacífica de poder no país. Muitas pessoas veem agora sinais de esperança futura na eleição do novo presidente, Roch Marc Christian Kaboré, um católico com larga experiência internacional.^[9] O processo eleitoral correu pacificamente e de forma justa, e o presidente Kaboré tomou posse formalmente em 29 de dezembro de 2015.^[10]

[5] Arquivo Munzinger 2016

[6] Departamento de Estado Norte-Americano 2016: International Religious Freedom Report for 2014

[7] http://de.radiovaticana.va/news/2015/09/30/burkina_faso_putsch-f%C3%BChrer_flieht_in_die_nuntiatur/1175826

[8] http://de.radiovaticana.va/storico/2014/11/03/burkina_faso_kardinal_ruft_zur_ordnung/1175826

[9] Die Tagespost, 24.12.15

[10] Arquivo Munzinger 2016